

BRASIL-PORTUGAL

1 DE JUNHO DE 1904

N.º 129



S. A. o Infante D. Manuel
Que assenta praça hoje na Marinha

Monumento a Pinheiro Chagas

O *Brasil-Portugal* associa-se com entusiasmo á ideia da *Mala da Europa*, que, nas suas columnas, abriu uma subscrição publica, no Brasil e em Portugal, para com o seu producto se erigir um monumento ao illustre escriptor Pinheiro Chagas.

A Empreza d'esta Revista appella para todos os portuguezes no Brasil, e para todos os brasileiros admiradores do glorioso homem de letras, que desejem concorrer para esta justissima consagração.

Quaesquer quantias podem ser entregues aos correspondentes e agentes do *Brasil-Portugal*, do Amazonas ao Rio Grande do Sul, acompanhadas de uma nota que mencione nomes e residencias para serem publicados opportunamente.

Fica aberta a subscrição.

Brasil-Portugal..... 20\$000 réis

(Todas as quantias enviadas pelos nossos correspondentes serão entregues á redacção da «Mala da Europa».)

CHRONICA

Nós e os estrangeiros

A cabam de honrar Portugal com a sua visita cidadãos de todas as nacionalidades. Falta pois á verdade quem disser que não estamos em optimas relações com todas as potencias. Não sabemos se em todas as linhas disse a verdade o discurso da Coróa. N'esta parte não faltou a ella — garantimos e, melhor do que nós, garante-o a presença dos estrangeiros illustres que constituem o Congresso marítimo.

Tiveram festas, banquetes, recitas de gala, passeios no Tejo, admiraram em Lisboa o azul do nosso sol, em Cintra o encanto da nossa paisagem, em Cascaes as vagas do nosso mar, fizeram enfim durante a sua curta passagem pela terra portugueza uma boa colheita de impressões, que devem á primeira vista valorisar nos. Se sim ou não, é coisa que de todo ignoramos, porque até aqui nos tem parecido que quanto melhores são as impressões que é costume levar de cá e espalhar lá por fóra tanto mais caro nos custam.

O nosso formoso sol, os raios argenteos da nossa lua, as ondas de crystal do nosso Tejo, tem-nos levado rios de dinheiro. Estamos até em crer

que quanto mais alto sobe a cotação do nosso clima, mais desce a cotação dos nossos fundos. E, por outro lado, esta carieia permanente da natureza beijando como mãe extremosa a face de Portugal é um dos nossos inconvenientes, ao que se vê, irremediáveis. Por ella nos deixamos embalar e subugar ao ponto ou de nos en vaidarmos ou de nos enlanguescermos por fóra que até para as coisas praticas e uteis se nos lassam as fibras e se nos affrouxam os nervos.

A doce influencia do clima tem contribuido, não reste duvida, para o dessoramento da raça.

E' o que se dá sempre e que é sempre confirmado pela reciproca. E' vér essas raças loiras e sadias do norte da Europa, esses holandezes heroicos que dominam o mar e o supplantam, e para que elle os respeite e lhes não inunde as terras baixas, e os sirva, e de inimigo natural se converta em auxiliar poderoso, o avassallam pela força e pela arte, e n'essa lucta titanica de todos os seculos e de todos os dias, criam musculo, enrijam a fibra, fortalecem o cerebro, e dão á sua modesta nacionalidade prestigio e grandeza.

E' vér esses pequenos paizes septentrionaes, essa incomparavel Suecia, onde os gelos parece que fructificam, onde os combates com o interior da terra para lhe arrancar o minerio, e o trabalho nas officinas para o afeição ás industrias, e a lucta com o mar tambem para lhe extrahir as suas riquezas, fizeram de um povo barbaro o mais civilizado, o mais forte e o mais progressivo da Europa. E' vér esses exemplos de longe, para bem se comprehender que a aserção que ahí fica exposta não é gratuita nem falsa.

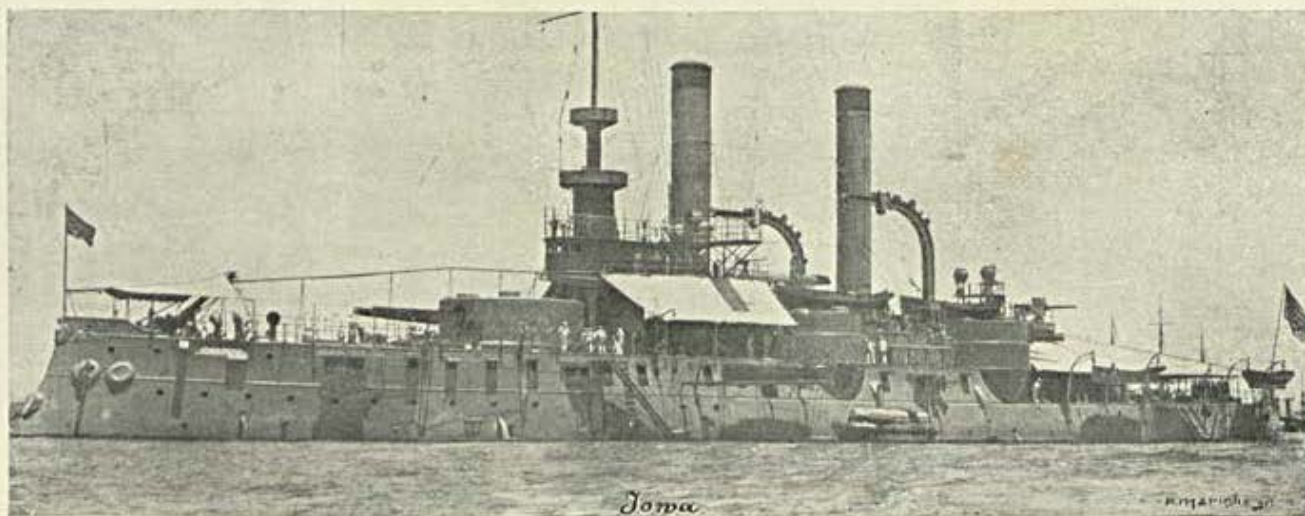
«Por fóra corda de viola, por dentro pão bolorento,» diz o rifão, e o rifão ainda d'esta vez não falha. Se lucrassemos em que os estrangeiros nos vissem por dentro, se, de lhes escancarmos bem a entranha nacional nos proviesse vantagem, deixariam de ter o nosso voto e o nosso applauso as festas com que os recebemos. Poderiam, é certo, commentar elles mesmos que faziamos gala na miseria, e essa opinião nem nos servia nem nos valorizava.

Como dizemos atraz, tambem o contrario nos não tem aproveitado muito, e, não obstante as tradições nunca desmentidas da nossa hospitalidade, mais de uma vez, após recepções, não só brilhantes mas affectuosas, porque nós fazemos parte ainda d'aquelles povos ingenuos, que põem no que fazem uma grande dóse de boa fé e de coração, não obstante tudo isso, temos assistido ao espectáculo da nossa propria exauctoração, como podem attestal-o as esquinas, a imprensa e o parlamento de Paris, para não ir mais longe.

Uma consideração nos leva, comtudo, a aconselhar que, apesar de taes exemplos, não esmoreçamos no entusiasmo que haja de se applicar ao acolhimento feito a estrangeiros, sobretudo quando elles façam parte de um congresso com o valor d'aquelle que acaba de visitar-nos.

Se em vez de uma palavra de reconhecimento, a algum d'elles merecer um riso de desdem ou um gesto de ingratição a fóra por que os recebemos a todos, é a esse e não a nós, que fica a responsabilidade do acto, que tudo poderá ser, menos correcto.

Mostrámo-lhes, démos-lhes o que tinhamos de melhor. Nem pompas, nem grandezas, nem altas manifestações do progresso, nem louçanias da opulencia e da civilisação, mas muita sinceridade, um horizonte desafogado, uma luz creadora, uma paisagem vivificante, e acima de tudo isto, toda a secular e forte lealdade da alma nacional.



Iowa

IOWA

Um dos navios da esquadra americana esperada hoje no Tejo. O «Iowa» ficou retido nos Açores

Política Internacional

Não ha muitas semanas que, referindo-nos ao accordo anglo-françes n'esta revista, fizemos notar o facto singularissimo e sem precedentes na historia, de firmarem um tratado de amizade duas nações, cujos respectivos alliados estavam empenhados n'uma guerra de morte. Disse-se então e affirmou-se quasi officialmente que esse tratado em nada affectaria as relações franco-russas e anglo-japonezas, visto que os alliados das duas partes contractantes o consideravam favoravel á causa de cada um d'elles. Parece no entretanto que pelo lado da Russia se começa a reflectir melhor no alcance da combinação realisada pelos gabinetes de Londres e de Paris em plena guerra do Extremo Oriente, e não faltam na imprensa d'aquelle paiz evidentes symptomas do descontentamento, que nas espheras governamentais russas está lavrando por motivo da intimidade recente entre o Foreign Office e o Quai d'Orsay.

Um dos jornaes de S. Petersburgo mais conhecidos pelas suas ligações com a corte e com o mundo da alta politica, o *Nouvel Vremia*, publica a este proposito algumas palavras, que darão que pensar ao sr. Delcassé. Se é que elle não contou com ellas ao accentuar a sua nova orientação diplomatica. «Póde affirmar-se, escreve o jornal citado, que o convenio desagradou á opinião publica na Russia, fazendo passar um sopro gelado sobre a atmosphera de cordialidade, que envolvia russos e francezes. E' inutil que os jornaes parisienses, sobretudo os que estão mais em contacto com as espheras ministeriaes, tentem convencer-nos de que a convenção anglo-franceza salvaguarda os nossos interesses. Um *tertius gaudet* acaba de apparecer e de annunciar ao mundo inteiro a sua alegria nos telegrammas de Tokio, que as agencias da Inglaterra, a nação amiga da França e aliada do Japão, tomaram a seu cargo divulgar. Esse *tertius gaudet* é o Japão e temos as melhores razões para não pôr em duvida a sinceridade da sua alegria, desde que sabemos que se concluiu o convenio anglo-françes. Bastará recordar, que por esse tratado a Inglaterra e a França se obrigam a não considerarem a ruptura da neutralidade da China como a hypothese da intervenção armada de uma terceira potencia, prevista tanto pela convenção franco-russa como pelo tratado anglo-japonês. De uma maneira mais clara: se a China violar a neutralidade a favor do Japão, a França não será obrigada a auxiliar-nos e inversamente se os chinezes tomarem as armas a favor dos russos, a Inglaterra não terá de ir em defesa do Japão. Mas esta ultima eventualidade não é provavel. Outras razões tem ainda o Japão para se alegrar por motivo do accordo, a que nos referimos. No caso da intervenção da França e da Inglaterra para a cessação da guerra, elle alcançaria com certeza, por virtude d'esse accordo, muito mais do que lhe era licito esperar antes da ruptura das hostilidades, e a Russia encontrar-se-ia em situação extremamente desagradavel.»

O que fica transcripto é por demais significativo, e contém nas entrelinhas o prognostico dos acontecimentos, que não tardarão a abrir os olhos aos que porventura ainda os tenham fechados. Não ha duvida que a alliança franco-russa chegou ao seu momento de crise. Quanto mais em Paris se esforçam por negal-o os circulos officiaes, mais a verdade transparece na sua crua realidade. A guerra com o Japão veio pôr a alliança com a Russia á prova. O resultado foi o convencimento para todos de que o pacto, tão solemnemente inaugurado em Cronstadt no tempo de Alexandre III, se ainda obriga *pro forma* os signatarios, deixou comtudo de ser a pedra angular da politica de cada um d'elles. A desillusão começou pela França. Com excepção apenas dos que a negociaram e dos poucos, que estavam no segredo da sua verdadeira significação, todos em França juravam, que a alliança com o tsar fôra feita *ad odium* para com a Alemanha e com o fim explicito de dar outra vez á republica as duas provincias perdidas pela paz de Frankfort. Quando o tempo, porém, foi mostrando que muito outra fôra a intenção da Russia ao approximar-se da republica do sr. Carnot, os enthusiasmos principiaram a arrefecer e perguntou-se com certa inquietação se a collocação dos colossaes empréstimos russos na praça de Paris não entrara por grande parte na nova orientação da chancellaria de S. Petersburgo. Mais ainda contribuiu para avolumar esta desconfiança o que se passou por occasião do incidente de Fashoda, em que a França, sem embargo da sua alliança com o poderoso imperio do norte, se viu obrigada a ceder perante o quasi brutal *ultimatum* de lord Salisbury. E' verdade que o procedimento da Russia então parece dever hoje apreciar-se de maneira diversa, depois da publicação feita ultimamente pelo *Figaro* de authenticos ou suppostos documentos relativos a esta malfadada questão. Mas esta publicação que só ao cabo de uns poucos de annos appareceu, com o fim manifesto de captar as boas graças da opinião publica franceza no momento de rebentar o conflicto do Extremo Oriente, teve o inconveniente, mesmo quando sejam verdadeiros os factos que revelou, de vir demasiadamente tarde. O effeito do abandono, em que se julgava ter a Russia deixado a republica em momento tão angustioso, estava produzido; e desde esse instante a alliança franco-russa perdeu toda a popularidade no paiz, que mais a tinha festejado. Os successos dos ultimos mezes acabaram, ao que parece, de abrir os olhos á França.

Evidentemente o que mais lisonjeava a França no pacto, que contraria com o tsar, era o enorme poderio d'este, cujo imperio colos-

sal é o assombro do mundo, e cujos exercitos innumeraveis eram até ha bem pouco o terror dos que podiam pensar em ter que combatel-os um dia. Sob a protecção de semelhante força organizada podia a republica tranquillamente descansar, considerando-se invencivel. Surge, porém, o conflicto do Extremo Oriente, e o pequeno Japão, sóinho e sem ajudas, não só ousa affrontar o gigante moscovita, senão que directamente o provoca a uma lucta, que a todos se afigura ser verdadeiro suicidio para os aggressores. E não contente o Japão com provocar o tsar á guerra, abre as hostilidades com uma audacia sem precedente; inutilisa a esquadra russa por successivas investidas; toma posse da Coréa, que os russos abandonam sem combater; passa o Jalu; e já na Mandchuria inflige ao exercito russo a maior derrota, que jamais elle soffreu em terras d'Asia. Continua vigorosamente a offensiva e não se sabe até onde chegará victorioso, a avaliar pelo inacreditavel que em quatro mezes realisou. Tudo isto causou tal assombro em Paris e tal desapontamento, que não é difficil por elle explicar a evolução que se deu no espirito publico em França. Ainda se ouvem vozes cavalheirescas, que em face dos desastres militares da aliada aconselham *quand même* fidelidade ao pacto jurado. A massa da nação, porém, pensa diversamente, ou antes sente por uma forma inconsciente a necessidade de procurar outros apoios contra as eventualidades do futuro. D'ahi a alegria com que foi recebida a noticia do accordo anglo-françes, que ha alguns mezes apenas teria sido impossivel.

Na Russia percebe-se bem isto. Sobretudo comprehende se o alcance da campanha feita pela imprensa parisiense contra a hypothese de uma intervenção militar da França na guerra russo-japoneza. Em S. Petersburgo estão convencidos, e parece-nos que com razão, de que ainda mesmo que o *casus belli* previsto pelos tratados viesse a dar se, por motivo da quebra de neutralidade de qualquer das potencias, a França não iria em soccorro da sua aliada por meio das armas. Ora este estado dos espiritos de parte a parte, se não é ainda a denuncia do tratado da dupla-alliança, representa pelo menos o primeiro passo para a transformação das relações politicas actualmente existentes entre os dois paizes.

A consequencia mais ou menos prevista da viagem de Loubet a Roma acaba de manifestar-se no rompimento entre a França e a Santa Sé. Este rompimento de resto estava na logica da situação creada entre as duas potencias, desde que o ministerio Combes assumiu a direcção dos negocios. A politica francamente anti-clerical do presidente do conselho, e mais ainda a attitude do bloco parlamentar que o sustenta no poder, não podiam deixar illusões a este respeito. Desde a celebre lei sobre as congregações do ministerio Waldeck-Rousseau que a França official se encaminha para a denuncia da concordata. Enquanto viveu Leão XIII e foi secretario d'Estado o cardeal Rampolla, este com a sua consummada habilidade diplomatica e a conhecida predilecção, que tinha pela França, conseguiu sempre evitar o golpe. Depois da subida ao solio pontificio de Pio X, — espirito evidentemente acanhado quaesquer que sejam as virtudes que o exornem, — o novo cardeal secretario Merry del Val, que mais parece um fanatico asceta do seculo XVI do que um politico do seculo XX, encaminhou a politica do Vaticano por maneira a precipitar o conflicto, que só com muita cautela e previdencia poderia ser evitado.

Tomando como pretexto a visita do presidente da republica franceza a Victor Manuel, o cardeal Merry del Val expediu uma nota aos nuncios acreditados nas diferentes côrtes, ordenando-lhes que fizessem saber aos respectivos governos, que de hoje em diante o Vaticano interromperia as relações com todo o paiz catholico, cujo chefe visitasse em Roma o rei d'Italia. Esta nota, que foi conhecida do governo francez por uma indiscrição, ao que parece da legação da Baviera, provocou por parte do sr. Delcassé um violento protesto, não sómente em virtude do seu conteúdo mas muito em especial pelo facto de ter sido communicada a todos os governos, com excepção do francez, isto é, do do paiz ao qual a mesma nota especialmente se referia. Não tendo chegado a resultado as explicações que se trocaram entre o representante da França e o cardeal secretario, foi mandado sair de Roma o sr. Nisard, devendo sair igualmente de Paris o nuncio Lorenzelli.

Está, pois, irremediavelmente aberto o conflicto entre o Vaticano e a *christianissima* França a «filha dilecta da Igreja» conforme a synonymia consagrada. Abstendo-nos de outra ordem de considerações, que o caso suggere, é evidente que com o actual rompimento ambas as potencias tem politicamente bastante que perder. O Vaticano vê desaparecer o melhor sustentaculo com que sonhava para a sua causa, sem o poder substituir por outro tão valioso. A França pelo seu lado póde ver-se seriamente ameaçada na sua influencia colonial, se a actual crise tiver como resultado, no que de ha muito trabalha Guilherme II, passar para a Alemanha o protectorado dos christãos do Oriente. Quem está bem vingado é o cardeal Rampolla, cuja estatura politica mais se avoluma pelo contraste com a pequenez e inhabilidade do seu successor.

CONSIGLIERI PEDROSO.

Colonia Israelita em Lisboa



Raphael Simao Anahory
Vogal da commissão edificadora



A. Anahory
Presidente da commissão edificadora da synagoga



Jacob Levy Azancot
Vogal da commissão edificadora



D. Donna Benoliel de Levy
Vogal da commissão de fundos



O Rabino de Gibraltar Rev. Raphael Haimé Moisés Benaim
Que veio a Portugal presidir á inauguração da nova Synagoga



D. Mariam Levy
Vogal da commissão edificadora



D. Esther Pinto Levy
Presidente da commissão de paramentos



Salomão de M. Sequerra
Thesoureiro da commissão edificadora



D. Esther Abecassis Seruya
Presidente da commissão angariadora de fundos



Reverendo Isaac J. Wolfensohn
Ministro officiante



D. Esther Cohen Sequerra
Vogal da commissão de fundos



Isaac A. Levy
Parede da Synagoga
Membro da commissão edificadora



Pauline H. Anahory
Commissão restauradora de paramentos



Jayme Pinto
Vogal da commissão edificadora



Leão Amzalak
Vogal da commissão edificadora



Rachel Cardoso Anahory
Commissão de donativos



Saul Cagi
Vogal da commissão edificadora



D. Judith Levy
*Vogal da commissão restauradora
de paramentos*



D. Rachel Levy Azancot
Vogal da commissão organizadora de fundos



Jacob M. Pariente
Vogal da commissão edificadora



Mark Seruya



Mosés Levy Junior



Elias Seruya



Cliché de J. Casanovi.

Congresso Internacional Marítimo — No Palacio da Pena



Cliché de J. Casanovi.

Congresso Internacional Marítimo — Os congressistas na Pena



Cliché de J. Gascão

Congresso Internacional Marítimo — O passeio no Tejo — A bordo do «Lusitano»



Cliché de A. Neves

Congresso Internacional Marítimo — O almoço no parque da Pena, em Cintra



Cliché de A. Neves.

Congresso Internacional Marítimo — No parque da Pena, em Cintra



Cliché de Bussial.

Congresso Internacional Marítimo

A. Strauss Charles Roux J. Capello Augusto Valle

Maritima

I

Tranquillo o mar. Da borda do paquete
Passeio a vista pelos horizontes;
E debaixo d'um ceu azul ferrete
Esfumam-se na bruma, ao longe, uns montes.

Terra! Gritaram fortes os gageiros.
Enrosca-se o velame em curvas dobras.
A hélice estremece. Os marinheiros
Andam na faina ardente das manobras.

Azul no ceu — que quietação sublime!
Azul no mar — que movimento estranho!
No emtanto o barco onde o vapor se opprime
Deixa nas ondas um espumeo lanho.

E' meio dia. Anima se o convez
N'uma enorme conversa polyglotta;
E sobre os mastros, uma ou outra vez
Esvoaçando, paira uma gaivota.

Oh! louco e velho mar, sempre a estorcer-te
N'essa eterna e phantastica hysteria!
Suspende por um pouco. Eu quero ler-te
A epopeia da minha nostalgia.

Hei de contar-te as pueris lembranças
Que ainda conservo da casita esparta,
Onde eu brinquei e ri, como as creanças
Que saltam e se riem na coberta.

Ando a scismar na esvelta miss Pura
Que hontem notei, tão régicamente fria,
O vago olhar azul sobre a costura,
— O vago olhar azul que me extasia.

N'este momento exhibem-se a meu lado
Passageiros de todas as nações;
Francezes de binoculo assestado
E velhas ladies, vendo Illustrações.

A miss! Quem será?... Fez-me sahir
D'esta apathia, o espadanar d'um voo;
Para o convés acabam de subir
Duas senhoras, pallidas do enjoo.

II

A' noite agora quasi sempre eu ando
Sósinho, a vaguear na escuridão;
E oiço vibrar, em berros de commando,
Junto da proa, a voz do capitão.

N'uma d'estas viagens em que gosto
De aproveitar as noites da jornada,
Senti um profundissimo desgosto,
Vibraram-me na alma uma facada.

Fui encontrar a miss côr de opala,
Sorrindo meigamente entre pellichas,
E, ao lado, enternecido, a beijocal-a,
Um marinheiro bruto, de suissas!

AGOSTINHO CAMPOS.



Cliché de A. Neves.

Congresso Internacional Marítimo
Exposição de El-rei D. Carlos na Sociedade de Geographia

Congresso Internacional Marítimo



Inauguração do terceiro Congresso em Lisboa, a 22 de maio de 1904. — Aspecto da Sala «Portugal», na Sociedade de Geographia, durante a sessão presidida por S. M. El-Rei, que lê o seu discurso

DOIS ANDAMENTOS

(Reminiscencias d'uma «Sutte» — de Schumann, que ouvi)



D. Branca de Gonta Colaço

I

Alegro :

Chegas emfim, sol preguiçoso!
pela campina humedecida
perpassa um fremito de vida
que faz vibrar todo o meu ser.
Dia de abril, delicioso,
quanto tardaste ao meu aneio!
sonhos dourados! sem receio
podeis emfim surgir! viver!

Lembrar-me que é tão perto agora!
que dentro em pouco, o meu amado,
junto de mim, de braço dado,
hade descer de ao pé do altar!
e que depois . . em qualquer hora,
sempre que eu queira, e sem mais pejos,
posso a represa abrir aos beijos
que ha tanto mez lhe ando a negar!

oh, como é bom viver no mundo,
e como a vida é feiticeira!
amor da minha vida inteira,
que doce que és, sentido assim!
tenho no peito um bem tão fundo
e esta alegria é tão intensa,
que eu chego a crer . . . que a terra immensa
Deus a creou só para mim! . . .

II

Adagio :

.....
Durei ainda um longo dia!
á tarde, mais punge a saudade.
Perdi a conta á minha idade,
mas sou tão velha já, meu Deus!
por que não finda esta agonia?!
Eu já sei tudo o que a desdita
ensina ao triste, que se agita
nos seus medonhos escarceus! . . .

Sei onde vae dar a ventura,
e como morre um sonho lindo.
Que os sonhos são aves fugindo
em ceus de ephemero esplendor!
Sei que um instante de ternura
nos dá cem annos de tormento,
e que só dura o esquecimento
quando, comnôscô, acaba a dôr.

Elle morreu . . . perdi o norte
ao trilho inutil dos meus passos!
Inertes pendem os meus braços;
já nada teem que fazer.
Na escuridão da minha sorte,
uma só coisa me não cança:
— acarinhar uma lembrança
d'aquelle lindo amanhecer . . .

Pinheiro Chagas na politica



Foi preciso decorrerem nove annos para que a chrysalida da saudade se transformasse na borboleta da glorificação; porque nove annos esteve o espirito publico em marasmo defronte do tumulto de Pinheiro Chagas, á espera que apparecesse quem o substituísse simultaneamente na cadeira de professor, no parlamento, no theatro, na investigação historica, no romance, na poesia, no jornalismo, na representação brilhante da patria entre estranhos, no gabinete de ministro, na mesa de trabalho, nos affectos de familia e na honestidade de caracter.

Nove annos passaram lentamente, até que surgiu a aurora da apothese para esse homem excepcional, que foi o grande martyr do trabalho e a quem Deus deu talento de sobra para se expandir em tão multiplas e variadas manifestações, uma das quaes, por si só, bastaria para lisonjear e deixar suppor que eram grandes muitas vaidades mediocres.

E pois que o grande dia da justiça começou a raiar com esplendido diluculo, na sala da Academia, e pois que o talento brilhante de Lopes de Mendonça trouxe a primeira e valiosissima contribuição para a grande obra de dizer aos posterios o que foi e o que vales Pinheiro Chagas, sob todos os aspectos por que se encare a sua vida, limpida como o crystal e como o crystal transparente, dever é de todos que o conheceram de perto, que o admiraram na sua grandiosa simplicidade, que o amaram com a adoração devida ás almas de escol, trazer para a chronica, para o registo, para o processo de beatificação tudo quanto sabem d'esse caracter diamantino, que tinha innata a pertinacia da lealdade, segundo uma phrase, concisa, mas notavelmente expressiva, do seu preclaro paulyerista academico.

Nem o local, nem a indole do esplendido trabalho de Lopes de Mendonça eram de molde a explicar e desenvolver a noticia de quanto essa nobre qualidade lhe havia custado carissima em dissabores, em contradições, em luctas intimas com os impulsos de seu proprio sentir e pensar, especialmente n'essas veredas tortuosas e aridas da politica, que o seu talento o obrigou a percorrer, como quem percorre a via dolorosa, mais arrastado pelas conveniencias alheias do que por fascinação propria.

Vesgas invejas, mordidas do desespero de não encontrarem que censurar em existencia tão immaculada, por vezes murmuraram baixinho, — mas não tão baixo que se não esforçassem de ser ouvidas pela opinião publica. — que Pinheiro Chagas era versatil em politica, quando elle não tinha sido, não fora em toda a sua carreira senão leal, demasiado leal, n'um meio, onde a lealdade ou é considerada um crime ou um erro.

Acebe-se com essa lenda, que, ainda quando fosse verdade, em nada maculava a sua honrada e gloriosa memoria, mas, sendo falsa, como todas as lendas, deve afastar-se para longe, para bem longe do seu nome. Em 1862, desfructava elle os esplendidos rendimentos do seu pret, — ainda não chegava a ser soldo, — de alferes graduado, uns seis tostões por dia, e namorava a formosa menina, que depois foi sua estremeçada esposa; e como já, a esse tempo, houvesse affirmado o valor da sua penna na collaboração da *Corôa poetica*, e em varios folhetins e artigos soltos, no anno immediato, sendo convidado para folhetinista effectivo da *Gazeta de Portugal*, que lhe dava uns escassos vintens, julgou-se um Cresco, e deliberou realisar as aspirações do seu coração de vinte annos, constituindo familia e fazendo do lar domestico um templo de amor e de felicidade, não entre pompas de opulencia, mas no modesto conforto de horaada e parcimoniosa mediania.

Audava revôlta a politica, e a politica andava o namorando com a cupidex de apanhar para o seu cortejo um brilhante talento, um batalhador vigoroso e sobretudo um repentista, que se apoderava do assumpto, que o julgava, que o defendia ou criticava, com espantosa celeridade, semeando primores de linguagem, thesouros de bons conceitos, flores de chiste e de critica, dos bicos da penna, que corria rapida e febril sobre o papel. E Pinheiro Chagas, de embebido com as sempre crescentes locubrções litterarias, e com a sede insaciavel de ler, mostrava-se esquivo á politica, deixava-a doudejar no seu caminho, mas lá, no intimo criterio, todas as sympathias e affectos eram pelo partido, creado pela espada gloriosa de Saldanha, embalado pela subtilidade arguciosa de Rodrigo, e servido por Fontes, que havia de ser o seu mais glorioso chefe.

Das convulsões do partido historico, nascera a fusão de 1865, que, durou mais do que duram as rosas, não chegou a ter a duração prevista e, alguns annos depois, já estava tão combalida que se julgou oportuno pôr-lhe uma atadura ficticia na publicação de um jornal, em cujo corpo de redacção entrava Chagas, como representante dos interesses regeneradores, João Chrysostomo Melicio, como representante dos historicos, Ernesto Blester e Ricardo Cordeiro, como complementos das forças equilibradas.

Pois, desde que a fusão se foi desmoronando mais e mais e a *Gazeta do Povo* foi assumindo a feição historica, que, a breve trecho, accentuava definitivamente pela entrada de Fradesso da Siveira para a redacção como director politico, Pinheiro Chagas, o versatil, para se manter leal ao credo regenerador, deixava o jornal, apesar da promessa e garantia de lhe ser destinada uma candidatura nas primeiras eleições.

E houve quem d'este facto, tão nobre e tão simples, quizesse deduzir argumento para o accusar de ter abandonado o partido historico!

Estava, por esse tempo, no apogeu da sua actividade fecunda de editor o arrojado Pedro Correia, outro caracter de escol, digno de se irmanar com o de Pinheiro Chagas, e andava congregando para a sua obra todos os rapazes de talento, não para os explorar, que d'esse verbo só conheceu praticamente a voz passiva, mas para os auxiliar, para os guiar muitas vezes, para lhes abrir caminho, para lhes proporcionar re-

muneração do trabalho, escassa embora, mas mais larga do que talvez nunca, até então, tivessem editores proporcionado aos que começavam na faina litteraria.

Não tardou que Pinheiro Chagas e Pedro Correia se conhecessem, e o mesmo foi conhecerem-se que fizeram se amigos, até que a morte os levou, a breve intervalo um do outro.

Sem o talento de Pinheiro Chagas, Pedro Correia não teria empreendido a publicação da *Historia de Portugal*, concebida com um plano modesto, que os alentos do moço historiador alargaram logo; mas tambem sem a audacia de Pedro Correia, sem a montagem da sua machina editorial, já acreditada no paiz e no Brasil, Pinheiro Chagas não teria tido tão precoce ensejo de affirmar as suas aptidões n'um genero litterario, que o glorificasse. E se assim foi com respeito á *Historia de Portugal*, assim foi tambem na outra ainda mais arrojada empresa do *Diccionario Popular*, que só a erudição vastissima de Pinheiro Chagas, servida pela mais surpreendente das facultades de memoria, podia dirigir, mas que só o arrojado editor de Pedro Correia podia então intentar, que só a cooperação dos dois, n'uma fadiga de quatorze annos consecutivos, podia levar a bom termo.

Mas o nome de Pedro Correia veio aqui a proposito, porque, se era das suas mais brilhantes qualidades o exaltar o merito de todos os amigos e advogar-lhes a causa em todas as conjuncturas da vida, facil é de imaginar o que faria, entoando o hymno de justissimos louvores ao nome de Pinheiro Chagas, o mais glorioso de entre todos.

Aconteceu que Pedro Correia frequentasse então assiduamente o theatro de S. Carlos, e que ao pé da sua cadeira de assignante estivesse a de Manuel Vaz Preto Geraldês, vulto notabilissimo na politica. Natural foi que os dois visinhos do theatro lyric se entretivessem em paledras de entre-actos, tanto mais que Pedro Correia era um admiravel conversador, com grande pratica do mundo, com grande conhecimento de homens e de acontecimentos, com seguro bom criterio para os julgar e com uma natural facilidade de discutir e argumentar.

Falou-se de Pinheiro Chagas, e o grande potentado politico da Beira Baixa, que suppunha ter agravos de alguns litteratos a quem auxiliára na carreira politica, desdenhou da classe em geral, e Pedro Correia insistiu no elogio do individuo, em especial, e tanto n'esta polemica se foi interessando que chegou ao ponto de tornar justificada, quasi necessaria uma apresentação.

Quem conheceu o condão de prender sympathias, que tinha o caracter, franco, leal e algo ingenuo pela sinceridade, de Pinheiro Chagas, vê bem que fervoroso acolhimento lhe faria Manuel Vaz, de tal modo que, a breve trecho, os dois eram amigos intimos e o senhor da Lousa tratava com enthusiasmo da candidatura do moço escriptor.

Estava, por esse tempo, no poder aquelle ministerio do duque, então conde d'Avila, que os regeneradores apoiavam, que os historicos não hostilissavam, com quem os reformistas haviam constituido governo, depois do ministerio dos cem dias, e que só veio a cair em setembro 1871 por effeito d'aquella moção de Barjona de Freitas, que nunca ninguem soube se era de confiança ou de censura.

Pedro Correia era enthusiasmicamente regenerador, Manuel Vaz era então regenerador firme e dedicado, o partido não hostilissava o ministerio, antes pelo contrario, e assim, Pinheiro Chagas julgou-se eleito sem quebra da sua fé partidaria; mas, como devesse a Avila o apoio da sua candidatura, a obstinação, a pertinacia da lealdade fez-lhe considerar como um dever a defesa de alguns actos do ministerio, que ao seu espirito, essencialmente liberal, repugnavam, como foi o do encerramento das conferencias do Casino.

Tão sincera e devotadamente regenerador era porém considerado que, organisando-se o gabinete de 13 de setembro 1871, em que a Antonio Rodrigues Sampaio coube a pasta do reino, recebeu Pinheiro Chagas o encargo de dirigir e redigir a *Revolução de Setembro*, organo glorioso do partido.

Parecia que estava de vez fixada e definida a situação partidaria de Pinheiro Chagas; mas não tardou muito que a pertinacia da lealdade não tornasse a fazer das suas.

Manuel Vaz era o amigo mais util e o mais perigoso, porque era o mais serviçal e o mais exigente dos amigos, fidalgamente educado para não ter exigencias brutae, que a hombridade repelliria, mas superiormente dextro em se insinuar, em captivar e alvedrio da vontade, em enlear com os laços floridos da amizade, deixando apenas, muito ao de leve, entrever alguma vez a sombra esbaúda de um favor, o bastante para prender gratidões, especialmente em quem tinha innata no espirito a pertinacia da lealdade.

Ora, já desde 1874, Manuel Vaz, obcecado com a idéa fixa de formar o partido da Beira Baixa, tentára separar-se do ministerio regenerador, e não foi sem difficuldade que Chagas o coateve no intento, estipulando, em extremo esforço, que, só na hypothese do governo não realisar a promessa do caminho de ferro, se daria o afastamento projectado, acompanhando-o elle então, e só então, n'este passo.

Abriu-se a sessão legislativa de 1875, e Pinheiro Chagas, que ficára todo o dia em casa, amarrado á mesa de trabalho, só á noite, na redacção, teve noticia do discurso da Corôa, e quando viu n'elle consignada a promessa do caminho de ferro da Beira Baixa, tomou-se de um jubilo quasi infantil e, esquecida a sua habitual gravidade, começou a pular de contente, sem que ninguem percebesse então o alcance de tanta alegria.

E' que n'aquella promessa da fala do throno ia tambem, para elle, a promessa de poder harmonisar a sua lealdade com a sua coherencia. Fallaz esperanza!

A sessão parlamentar foi curta e as côrtes encerraram-se em 2 de abril, tendo a opposição historica posto absoluto impedimento á votação do projecto do caminho de ferro, apesar de toda a boa vontade e lealdade de Fontes.

Estava pois Manuel Vaz dentro da hypothese, que não deixou logo de aproveitar, havendo ainda Pinheiro Chagas conseguido que elle, antes do rompimento definitivo, tivesse uma entrevista com o presidente do conselho. N'essa entrevista porém, como lhe fiasse offerecer, uma es-

pectativa benevolta, recebeu em resposta que tal attitude seria muito correcta perante um ministerio em começo de vida, mas era de todo o ponto inadmissivel depois de largos annos de apoio incondicional, devendo por conseguinte a situação liquidar-se ou pela continuação da antiga amizade ou pelo rompimento.

Chagas tinha-me pedido, muito particularmente, que, enquanto as negociações proseguiram, redigisse eu só a *Revolução de Setembro*, sem a menor allusão á causa do desaccôrdo, de modo que elle pudesse voltar á redacção, se as coisas se harmonissem, ou desligar-se definitivamente d'ella sem responsabilidades, no caso contrario.

E' claro que Manuel Vaz não hesitou no dilemma, e, no jornal de 11 de abril, veio a declaração de que Pinheiro Chagas deixava de ser seu redactor; e como esse dia fosse um domingo, eu, segundo o costume, fui passar a manhã para casa d'elle, encontrando-o contristado e contrariado, mas firme na sua pertinacia de lealdade e disposto a manter a expectativa benevolta no *Jornal da Manhã*, que se ia crear.

Fonderei-lhe quão insustentavel era essa attitude, pois que não deixariam os outros jornaes de belisar ou de estimular o seu espirito, feito para a lucta; e elle, conhecendo-me razão, confessou que iria para a lucta com tanta mais acrimonia, quanta era a má vontade com que se encontrava n'aquella situação.

Não tardou a fundar-se o *Jornal da Manhã*, entre muitos enthusiasmos e esperanças, e não tardou que fosse de violentissima opposição ao governo. Era fatal e inevitavel!

Mas assim como as arvores tantas vezes medram e se robustecem com seiva nova, quando trasplantadas, assim o talento de Pinheiro Chagas se avigorou e affirmou n'esta forçada trasplantação para os campos opposicionistas; e colheu, na imprensa, a gloria de fundar o primeiro jornal moderno, cercado de uma pleiade de juvenis e dedicadas aptidões, e, no parlamento, onde a sua modestia o deixára viver quasi apagado como deputado ministerial, o desenvolvimento surpreendente e deslumbrante das suas qualidades de orador fogoso e apaixonado, capaz de luctar com a palavra inflamada contra todos, prompto na réplica e fecundo no improviso.

Do mal, que se não pode evitar, algum bem se colheu.

N'esse mesmo anno 1875, teve Pinheiro Chagas uma das maiores sem-saborias da sua vida litteraria com a primeira representação do *Drama do Povo*.

Concebido e porventura escripto em parte, ainda quando estava ao lado do ministerio, tratado com muito amor, como affirmação de princi-

pios liberaes, que foram sempre os seus, illudiu-se no alcance dos effeitos scenicos, e d'essa illusão tiraram acintosos adversarios motivo para denunciar o drama como profissão publica de fé republicana.

Nunca houve maior calumnia, mas a calumnia conseguiu os seus intuitos.

O auctor não se magoava com o mau exito theatral da obra, que considerava, em parte, justo, como a mim me confessou, dando razão a algumas objecções que eu préviamente lhe fizera, ao ouvir-lhe ler successivamente os actos do drama. As lastimas de Virginia, com os seus trajes senhoris, nos ensaios, eram coisa muito mais para commover, do que as mesmas palavras, ditas pela serrana, de saia e roupinhas; Santos, a mascar o seu charuto, com a attitude nobre de homem da sociedade, não se parecia nada com o montanhez, de lenço vermelho na cabeça e chapéo derrubado; a comparsaria, que era o povo e que devia estar profundamente commovida, não apresentava em scena o menor vislumbre de commoção, e o quadro final, em que entrevira grande effeito, foi-lhe completamente estragado pela scenographia, a ponto de se tornar quasi ridiculo; e sobre tudo isto e de mais effeito do que tudo isto, a intriga tinha creado na platéa uma atmosphera perfeitamente hostil.

Não foi da critica litteraria que Pinheiro Chagas se doeu; foi das injustiças da critica politica, que acintosamente o queria apresentar como republicano.

Pinheiro Chagas respeitava muito os republicanos sinceros e gostava de dissentir com elles, tinha especial prazer em apontar erros de historia ou de apreciação historica aos menos illustrados, sustentava encantadoras palestras sobre o assumpto com o seu talentoso amigo Osorio de Vasconcellos, e em todos os campos e de todas as maneiras, combateu sempre a doutrina republicana, chegando a ter um encontro, no campo da honra, com o brilhante jornalista Magalhães Lima, depois de uma outra pendencia com o antigo ministro da guerra da republica hespanhola.

D'estas aventuras não contaram nunca os puritanos monarchicos, que o accusavam a elle de republicano, e de que elle se desforçou esplendidamente no fremente prefacio com que abre o volume do seu drama.

Effectivamente fazer a apologia da republica, glorificando o dia 21 de julho 1833, ao som do hymno liberal e de vivas a D. Maria II, é coisa que só podia caber nas cabeças chôchas dos propositados ou despropositados diffamadores.

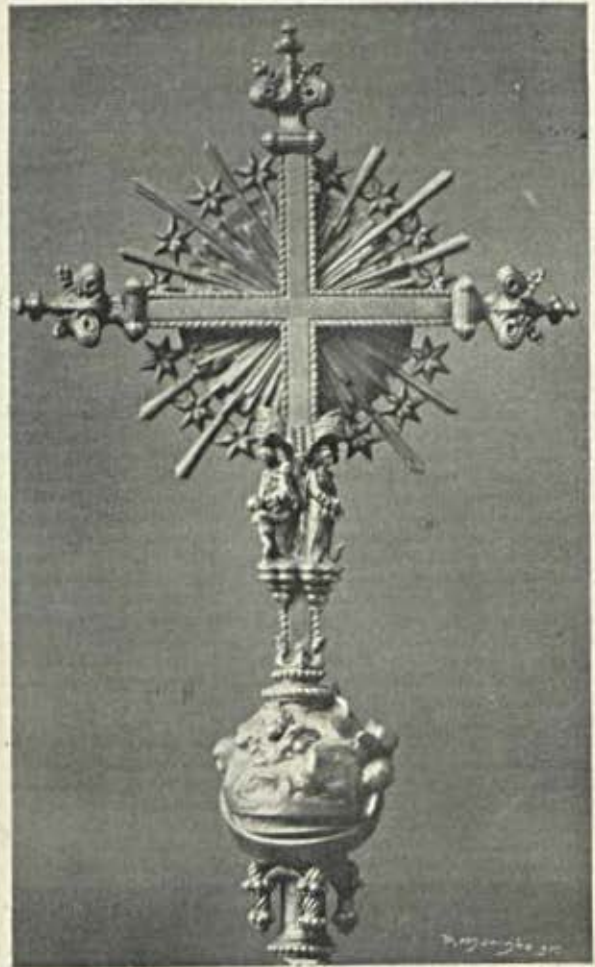
Mas da calumnia sempre alguma coisa fica!

Voltando á historia politica, vamos encontrar o grupo de Manuel Vaz

Padrão da Misericórdia de Oliveira de Azemeis



Fronte



Costas

consociado com o partido constituinte, e Pinheiro Chagas, arrastado, pela pertinácia da lealdade, para um terreno, que, muitas vezes, me confessou á puridade considerar como um suicídio inglorio n'um beco sem saída.

Assim correram as coisas até 1881, e quando se tratou de organizar, sob a presidência do glorioso jornalista Antonio Rodrigues Sampaio, o gabinete de 25 de março, que devia ser formado por dois regeneradores, dois avilistas e dois constituintes, Pinheiro Chagas era de opinião que o seu grupo devia aceitar a proposta, mas, como o chefe se oppozesse, a pertinácia da sua lealdade levou-o a não insistir mais, para não parecer que advogava uma causa de interesse proprio.

Recusando-se tambem os avilistas, o ministerio ficou exclusivamente constituido por elementos regeneradores, até que, na recomposição de 24 de outubro 1883, já sob a presidência de Fontes, o partido constituinte deu para o novo gabinete o *melhor do seu casal*, concordando em que entrassem n'elle Pinheiro Chagas e Antonio Augusto de Aguiar.

Como a bussola que busca o norte, mas que o influxo accidental de uma peça de aço pode desviar da sua espontanea direcção, Pinheiro Chagas, liberto d'essa influencia estranha, voltava novamente ao gremio do seu unico partido, d'aquelle que sempre acompanhára em espirito, como o iman, apenas contrariado por não seguir o natural pendor.

Mas eis que um novo incidente se lhe levanta no caminho!

Nos primeiros dias de fevereiro 1885, Antonio Augusto de Aguiar resolve dar a demissão, acompanhando Lopo Vaz; e n'uma manhã, entra-me Pinheiro Chagas pelo quarto de vestir, tomado de grande preocupação, para me consultar sobre qual devia ser o seu procedimento n'aquella conjunctura, e se, moralmente, estava obrigado a seguir a resolução de Aguiar.

Com os meus melhores argumentos e a sinceridade de amigo, respondi-lhe que não, que se deixasse estar no partido, a que pertencera sempre.

Elle insistiu, obcecado pela pertinácia da lealdade, e eu mantive-me firme na minha opinião, até que, quando o debate se esgotou, elle, tomando um largo hausto de allivio, me declarou que era essa tambem, no intimo, a sua convicção, mas que nada quizera deliberar, sem ouvir o meu voto imparcial e desapassionado, para não parecer que procedia por egoismo e menos lealmente.

E acrescentou estas palavras, que nunca mais me esqueceram:

— *Estou farto de parecer incoherente, á força de ter querido ser leal!*

Ahi está a chave do enigma! N'essas palavras, tão singelas, ditas despreziosamente a um amigo, quando não havia esperanças que ellas echoassem em publico, n'estas palavras, traduzindo uma excepcional honradez de character, está a explicação de toda a vida politica de quem as proferiu.

Pinheiro Chagas nunca foi um versatil; foi victima da versatilidade d'aquelles a quem a pertinácia da lealdade o ligára. Sacrificou-se, talvez de mais, mas sacrificou-se honradamente.

Continuando pois a fazer parte do ministerio, até á sua queda em 20 de fevereiro 1886, nunca mais ninguem ousou sequer por a mais leve sombra de duvida na lealdade politica de Pinheiro Chagas, considerado um dos mais solidos esteios do partido, que, ainda na noite de 2 de janeiro 1887, reunido em casa de Fontes, acariciava largos e li-sonjeiros planos de proximo accesso ao poder. Mas...

Na manhã de 22 d'esse mez, passando algumas horas de agradável palestra com o meu amigo, falámos por incidente sobre o estado de

saude d'esse homem de excepcional valia, que constava estar ligeiramente incommodado, e mal pensava eu que, ao sair, havia de receber a fatal noticia da sua morte. Retrocedi logo, e fui encontrar Pinheiro Chagas, o character masculino e pouco dado a prantos, a chorar como uma criança, prestando, n'aquellas lagrimas, a mais sincera homenagem ao chefe do partido, a que elle dera sempre, e por entre as vicissitudes tumultuarias dos incidentes politicos, os melhores affectos do seu espirito de fina tempera.



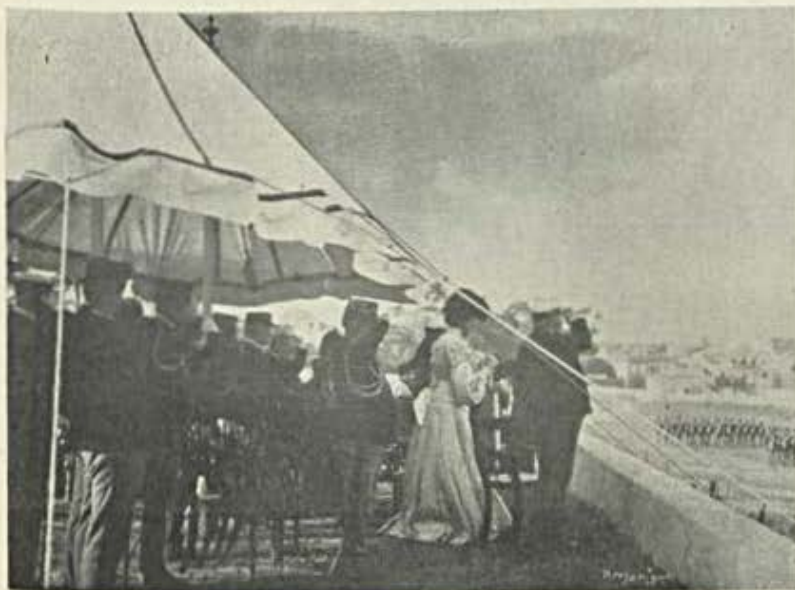
Na Escola do Exercito
Ceremonia da benção da nova bandeira — A chegada de Suas Magestades

Adrede me não refiro a acontecimentos ultteriores, embora em tudo confirmem o honrado sentimento de coherencia e os honestissimos impulsos de levantada lealdade de Pinheiro Chagas; mas pois que poucos conheciam os episodios narrados, e de alguns só eu soubesse, quero levar piedosamente esta modesta contribuição, á falta de melhor, para a obra meritoria da glorificação e apothose do grande vulto, que, ha nove annos, dorme o somno eterno; e se o seu espirito immortal, aliado se para as mysteriosas regiões de alem-tumulo, deixou, nas suas obras, o pallido reflexo do muito que valia, os dictames de devotada amizade, que nem a morte quebrou, não consentem que me quede silencioso perante os alvares do dia de justiça.

Ha n'este evocar do passado, n'este rememorar os incidentes da vida de Pinheiro Chagas, como que uma communicação com o seu espirito e um doce e consolador lenitivo á saudade.

A. M. DA CUNHA BELLEM.

Le Bargy em Tondella



Na Escola do Exercito — Continência á bandeira

Na minha historieta — *Tempos que não voltam* — dei-xei os leitores no momento em que partia para Tondella na qualidade de *jeune premier* da grande companhia dramatica Luiz Gama. Dava, n'essa epoca, uns ares do Le Bargy: tinha até, como elle, a mania de metter constantemente as mãos nos bolsos, nos meus, bem entendido. "Fraco jogo de scena, diziam alguns. Pobres ignorantes! Afinal de contas, verifique: mais tarde que fóra na arte dramatica nacional um precursor.

A *tournée* a Tondella deu-nos muito que pensar. Nem o caso era para menos e podia ser resolvido de animo leve. Tratava-se da nossa primeira excursão ao estrangeiro. Qualquer cousa como Maeterlinck, Georgette Leblanc, um visconde de S. Luiz Braga. Ah, que se elle vivesse!... Seriamos muito capazes de estudar a *Monna Vanna*, exhibir a em Maçãs de D. Maria ou Rego Travesso e ganhar um dinheirão.

Reuniu-se a compsnhia no palco do theatro D. Luiz, obsequiosamente cedido pelo grande Lucas que, a exemplo do grande Elias, recebia sempre a Academia optimamente. O convite partia do Virgilio Horta, que já então era progressista facanhudo, mas ainda não era presidente da Camara Municipal de Cintra. Entrava no conchavo o Mario Monteiro, hoje deputado regenerador e que tinha em Tondella... Ai, amores, amores! O Alberto Felicio Paes do



Na Escola do Exercito — Exercícios da ponte



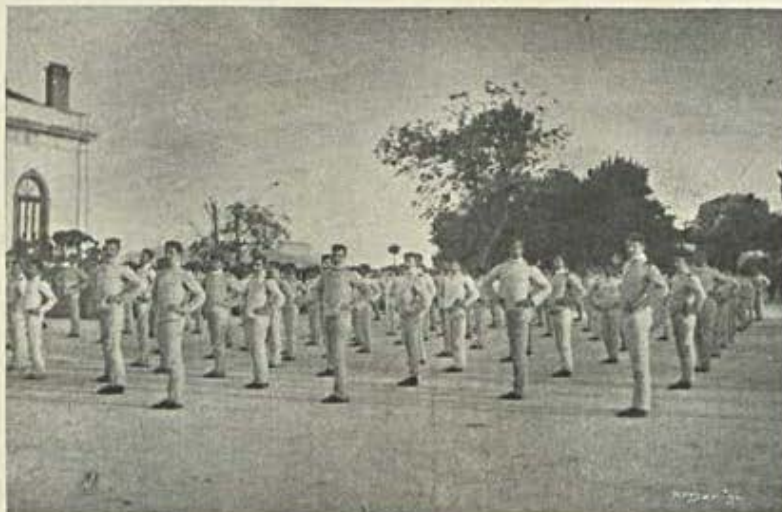
Na Escola do Exercito — Exercícios de egrima

Amaral, também meu condiscipulo, offerecia a sua casa a dois artistas.

O Virgilio, vivo como o azogue e rabula como o mais habil manipulador de eleições, tomou a palavra. Tratava-se em primeiro lugar de uma *grande pandiga*... A phrase melindrou um pouco os nossos brios artisticos, mas logo o orador, comprehendendo o constrangimento dos circumstantes, mudou de tactica e deliberou comer-nos. Era, na verdade, uma reverendissima *pandiga*, mas era também uma poderosa afirmação da vitalidade da briosa. Ha muito que a Academia deixara cair em exercicios findos as suas nobres tradições na arte de Talma e Emilia das Neves. O theatro academico fóra uma escola: agora não era nada... sobretudo depois que o haviam demolido... acrescentava sentenciosamente. E aproveitou logo o ensejo para fazer um rasgado elogio ao conselheiro Emydio Navarro, seu illustre correligionario e promotor entusiasta da reconstrucção do predio.

Depois — acrescentava o ladino, estimulando o nosso amor proprio — vocês estão muito enganados! Sabem lá o que é Tondella!... Ali entendem da poda. Ha amadores que valem os melhores artistas do Normal, e com respeito a critica... teza... tezissima! Com franqueza: eu gosto muito de vocês, mas não imaginem que vão deslumbrar alguém!

Fezamos os prós e os contras, reflectimos, discutimos e, afinal, concordamos. Quem sabe se Tondella não seria a primeira *étape* de uma *tournee* triumphal! Tudo era possivel. Quando o Luiz Gama deu o *sim*,

Na Escola do Exercito
Exercícios de gymnastica

Na Escola do Exercito — Salto de obstaculo

o Mario exultou de contentamento e o Virgilio dissimulou um sorriso debaixo do farto bigode.

A *tournee* foi oficialmente annunciada na tabella. Porque nós tinhamos tabella, como a *gente grande* com horas de ensaio e de espectáculo e muitas que nunca eram cobradas, pela razão simples de que *onde não ha, el-rei o perde*.

E lá abalamos para Tondella, n'uma manhã formosissima, de céu azul e claro, sem uma nuvem, levando no repertorio os indefectíveis *Moços e velhos*, *Uma chavena de chá* e uma peça em dois actos, honra e gloria do Luiz Gama mas da qual, seja Deus louvado, não sabiamos uma palavra. Levavamos conosco a Jesuina Saraiva, vinda expressamente de Lisboa. Principiava então a sua carreira e, de tal peça, também não sabia patavina.

Ensaíamos em viagem, n'um compartimento de primeira classe onde dois honestos burguezes um velhote e uma velhota, receberam com assombro a invasão da companhia. Iamos de capa e batina, em cabello. "E' mais solemne!", observara o Virgilio. Decididamente, esse homem exercia sobre nós uma grande força moral.

A Jesuina, puxando do papelinho, engasgava-se que era um regalo, mas como não lhe ficavamos atraz ninguem se atrevia a protestar. A *mise-en-scène* é que nos atrapalhava seriamente. Parecíamos, salvo seja, um bando de feras n'uma jaula. *Passa a 1, passa a 2, suba, desça, levante se, sente-se*, dentro de uma gaiola, de dois metros e meio de comprimento por metro e meio de largo, é uma estopada de todos os demônios. Demais a mais, os nossos venerandos antecessores no wagon haviam tomado as duas poltronas centraes e fronteiras, atravancando horivelmente... o palco.

Mas, a pontos tantos o Luiz Gama, furioso com o andamento do ensaio, tomou uma resolução heroica, e, dirigindo-se aos velhotes, dest'arte lhes disse:

— Senhores: sois portuguezes, como nós, membros d'essa Academia de Coimbra cujos factos estão escritos na historia patria com letras de ouro, de sangue...

— Ou de esmalte! murmurou, em aparte, o Mario Monteiro.

O Luiz Gama vibrou-lhe um olhar que parecia um dardo de virotão de Aljubarrota.

... Ou de sangue — proseguir. A obra que vimes emprehendendo, com todo o ardor e entusiasmo da nossa mocidade, é eminentemente nacional. Trata-se,

nem mais nem menos, da salvação publica pela diffusão da esthetica. O bello ao alcance de todas as bolsas e de todas as cidades, villas e aldeias da monarchia portugueza, por grossos e a retalho, em toneis e em pilulas. Mas, para isso, honrados burguezes, mister é que abandonando os vossos logares vos amezendeis, lado a lado, *manu a manu*, n'aquelle cantinho de além. Sois capazes de fazer-vos essa mercê?

Que remedio tinham os pobresinhos senão aturarnos a telha? Claro está que

fizeram tudo quanto lhes pedimos, e, se mais lhes pedissemos, mais fariam. Continuou o ensaio, e ao chegarmos a Tondella, já sabíamos, pelo menos, de que se tratava.

E foi um deslumbramento. O sol, claro e tepido, alegrava a villasinha branca, muito limpa, com a sua casaria confortavel, no velho estylo portuguez de linhas sobrias mas elegantes. Em toda a gente um ar festivo, cordial, amigo, esse mixto de sympathia e respeito com que as populações portuguezas acolheram sempre o letrado, "o menino que anda em Coimbra para leis." Claro está que ao Luiz Gama coube o melhor quinhão. Passou a ser o menino nas mãos das bruxas. Empresario, director de scena, diplomata, homem de Estado, etcetera e tal, não houve paparicos que lhe não fizessem. Eu fiquei em casa do Alberto Felicio. O irmão, facultativo em Tondella e homem encantador, tratou-me como um principe, hospedou-me como um nababo, como um d'esses rajahs a cuja prodigalidade os romances baratos nos habituaram. Que jantar, Brillat-Savarin, que jantar á antiga portugueza... sem cortezias e sem moñas!

Jantar de tanta magnitude e prestigio culinario que, á noite, quando fomos para o theatro, não nos occorria uma palavra dos respectivos papeis. Um certo vinhinho de que Tondella tem o privilegio, cantava-nos cá dentro uma *farandola* endiabrada. E só me recorde de impressão semelhante na primeira da recita do meu quinto anno, ahi por volta do segundo acto, quando, lavado em lagrimas, cahi nos braços do Mario Chagas, bradando, entre soluções e lagrimas:

— Meu querido Mario: façamos as pazes; eu sempre fui muito teu amigo!

A phrase explica-se. Tinhamos sido companheiros de infancia no Collegio Luso-Brasileiro, uma Bastilha situada em Terras de Sant'Anna, a Santa Isabel, onde comecei e conclui preparatorios. Mais tarde, encontramos-nos em Coimbra, no primeiro anno juridico. Eramos muito amigos; mas, por occasião do *ultimatum*, a maldita politica separou-nos. Eu desandei em jacobino feroz; o Mario, educado em principios diversos, tornou-se meu adversario nas famosas luctas academicas que assignalaram o anno de 1900 e uma boa parte de 1901. Mas ambos andavamos mortinhos por fazer as pazes. Era uma questão de occasião.

Na recita de despedida do nosso curso, o Mario Chagas fazia uma *oriental* e eu uma *danzarina*. Ou fôsse porque realmente quizessemos reconciliar-nos ou pela solidariedade natural no nosso

novo sexo, certo é que, ao terminar o grande *quartetto* do 2.º acto, estavamos amigos como dantes e, d'essa vez, até á data.

O espectáculo correu... como Deus quiz que corresse... A famosa peça, honra e gloria do Luiz Gama, foi, do meio para o fim, improvisada. Mas, no dia seguinte, o orgão mais conceituado da terra, embora com circumloquios e periphrases amáveis quizesse adoçar a crueza da sua independencia, bordava, a meu respeito, o peor dos vaticinios: "Se o sr. F... quizer estudar e seguir os conselhos dos mestres, é possível que ainda venha a dar alguma cousa."

Succumbi. Recebera em Tondella o golpe de misericórdia. Descaíci o cothurno, arranquei o manto e a corôa e mudei de theatro. Passei do palco do theatro D. Luiz para o da Boa Hora. A distancia não é de palmo.

CUNHA E COSTA.

DUAS ESTATUAS DE PORTUGUEZES ILLUSTRES

Hamburgo, a cidade commercial allemã por excellencia, está-se tornando tambem uma cidade artistica. Ultimamente, ligaram-se com uma nova ponte sobre o Elba, os dois extremos da cidade. N'essa ponte figuram quatro estatuas: as de Christovam Colombo, Vasco da Gama, Cook e Fernão de Magalhães. O segundo e o ultimo são dois portuguezes e por isso achámos interessante reproduzir em gravura as duas estatuas, ambas realmente magnificas.

A de Vasco da Gama apresenta-nos o descobridor da India encostado a um mastro do navio, com um cabo aos pés; capitão e navegador, o portuguez illustre entre os mais illustres, traja a sua armadura; a mão esquerda collocada na espada, a direita segurando o porta voz do navio. Não se podia em verdade, mais singellamente, reproduzir as duas phases mais caracteristicas da vida de Vasco da Gama, a de homem de guerra e a de homem de mar.

A de Fernão de Magalhães, trajando á epocha, está encostado a um remo. O nosso illustre compatriota, que ligou o seu nome ao caminho para o Occidente, aponta com a mão esquerda para o Estreito de Magalhães. A physionomia traduz um caracter mais pacifico, maior serenidade do que os dos outros navegadores, mostrando assim o artista que comprehendeu bem o typo historico de Fernão.



Vasco da Gama

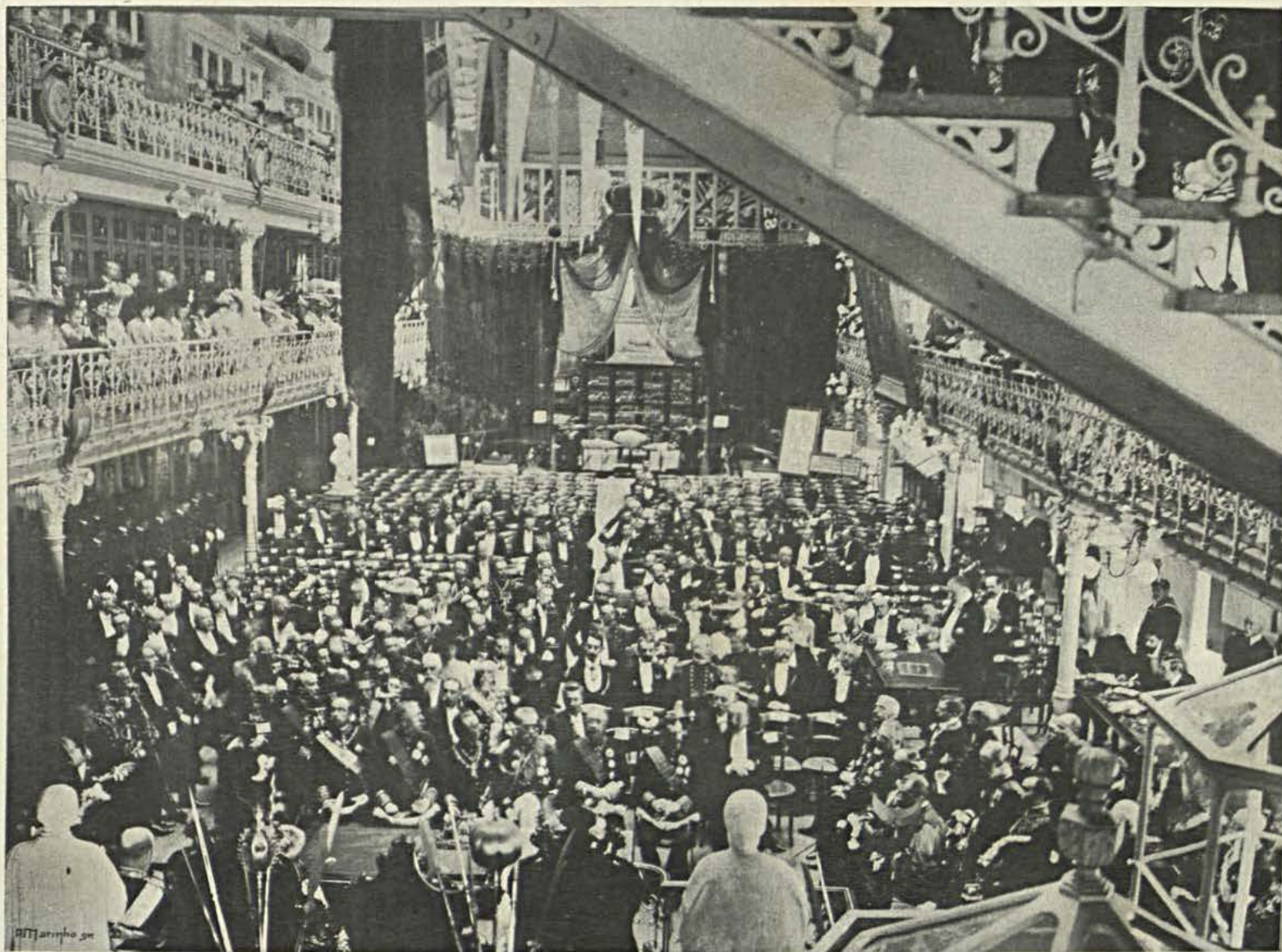
Estatua modelada pelo escultor de Charlottenburg, Hermann Hosaus, e que está sobre a nova ponte que atravessa o Elba em Hamburgo



Fernão de Magalhães

Estatua modelada pelo escultor hamburguez Haver Arnoldts, e que está sobre a nova ponte que atravessa o Elba, em Hamburgo

Congresso Internacional Marítimo



Outro aspecto da Sala «Portugal», na Sociedade de Geographia, durante a sessão inaugural do Congresso em 22 maio 1904.
No primeiro plano, os srs. Conselheiros Hintze Ribeiro, Campos Henriques, Rodrigo Pequito, Pimentel Pinto, Wenceslau de Lima, Conde de Paçõ Vieira, ministros,
e Marquez de Soveral, ministro de Portugal em Londres